



Diversos motivos para guardar um traje no armário: Watchmen (2019) e a desconstrução da figura do herói

Diverse reasons to keep a suit in the closet:

Watchmen and the deconstruction of the hero figure

Yuri Garcia

Professor credenciado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ) e estagiário de Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM) E-mail: yurigpk@hotmail.com

Ellen Alves Lima

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ) E-mail: ellen2000.a.l@gmail.com

Luccas Pinheiro Lopes

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ) E-mail: luccasp.lopez@gmail.com

Thiago Bastos

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ) E-mail: thiagofreitasbastos@yahoo.com

Resumo



O artigo procura analisar a concepção da figura do herói na série de televisão *Watchmen* (2019), enfatizando a importância da representatividade de determinadas classes minoritárias. Em um amplo repertório dessa figura na história ocidental, percebemos a constante repetição de um imagético hegemônico masculino, eurocêntrico, branco, heterossexual, cisgênero. Nesse trabalho, iremos investigar a desconstrução desse padrão dominante através da análise de três personagens centrais na série: Angela Abar, uma mulher negra forte, inteligente e determinada; William Reeves, o primeiro vigilante que usa máscara para se proteger de uma sociedade racista; Dr. Manhattan, reconfigurado como um herói semideus negro. Com elementos inovadores, *Watchmen* foca na representatividade não apenas em seus heróis, mas também em todo seu desenvolvimento e reestruturação de uma narrativa histórica de injustiças sociais.

Palavras-chave: *Watchmen*; Representatividade; Séries de Televisão.

Abstract

The article tries to analyze the conception of the hero figure in the *Watchmen* television series (2019), emphasizing the importance of representativeness of some minorities. In a wide repertoire of this figure in Western history, we perceive the constant repetition of a hegemonic masculine, Eurocentric, white, heterosexual, cisgender imagery. In this paper, we will investigate the deconstruction of this dominant pattern through the analysis of three central characters: Angela Abar, a strong, intelligent, and determined black woman; William Reeves, the first vigilante to wear a mask to protect himself from a racist society; Dr. Manhattan, reconfigured as a dark demigod hero. With innovative elements, *Watchmen* focuses on representativeness not only in its heroes, but also in all its development and restructuring of a historical narrative of social injustices.

Keywords: *Watchmen*; Representativeness; TV shows.

Recebido em: 28/05/2024 e aprovado em: 17/06/2024

1 Introdução

Em 2020, a cerimônia de entrega do Emmy teve como um de seus destaques a série televisiva *Watchmen*. Transmitida pela HBO em 2019, chegou como grande favorita na premiação, tendo sido indicada em 26 categorias. Dessas, foi vencedora em 11 das indicações: melhor minissérie, melhor atriz em minissérie ou filme para televisão, melhor



ator coadjuvante em minissérie ou filme para televisão, melhor roteiro para minissérie ou filme para a televisão, melhor elenco de minissérie ou filme para a televisão, melhor edição de som em minissérie ou filme para televisão, melhor mixagem de som de minissérie ou filme para a televisão, melhor composição para minissérie ou filme para a televisão, melhor fotografia para minissérie ou filme para a televisão, melhor figurino de série de fantasia ou ficção científica, melhor edição em minissérie ou filme para a televisão.

A massiva quantidade de prêmios considerados técnicos atestava para a qualidade de produção da série concebida por Damon Lindelof. Por outro lado, os outros prêmios indicavam uma capacidade ampla da obra em tráfegar por questões de ordem mais dramática como o prêmio de melhor atriz para a favorita entre as concorrentes Regina King e a surpreendente vitória do (até então) não muito conhecido Yahya Abdul-Mateen II que ganhou de seus parceiros de elenco mais famosos como Louis Gossett Jr.. Sendo a primeira vez que uma série com a temática quadrinística conseguia tamanho destaque no Emmys, *Watchmen* rapidamente atraiu para si diversos holofotes em torno de suas conquistas.

No entanto, a grande questão em torno da série, e o objetivo desse artigo não é sua repercussão nas premiações ou como temática quadrinística em notícias. *Watchmen* traz em seu conteúdo um debate que tem ganhado crescente evidência em nosso cenário contemporâneo tanto no âmbito artístico quanto no acadêmico. Com um foco sobre questões de cunho sociopolítico, a exposição do racismo endêmico estadunidense é articulada com diversos outros elementos minoritários em uma trama que coloca em xeque a própria figura do herói, assim como a aparência de quem veste a roupagem de tal.

Nesse trabalho, os termos “minoria” e “minoritários” possuem uma centralidade para podermos desenvolver algumas das questões fundamentais do texto. Assim, nos baseamos na perspectiva de Muniz Sodré (2005) sobre o conceito que identifica suas 4 características básicas: (1) Vulnerabilidade jurídico-social; (2) Identidade *in statu nascendi*; (3) Luta contra-hegemônica; (4) Estratégias discursivas. Dessa forma, esse artigo procura analisar a concepção da figura do herói na série de televisão *Watchmen* (2019), através da desconstrução de estereótipos hegemônicos, apresentando uma nova configuração de heroísmo dentro de uma perspectiva contra-hegemônica. A obra tem como enfoque a questão racial dos Estados Unidos, atrelando diversos outros problemas encontrados no sistema sociopolítico – em um linha histórico-cronológica, apresenta a narrativa de sua consolidação como país até um tempo presente utópico (devido às modificações que a inserção dos heróis



mascarados e do poderoso Dr. Manhattan trazem para a sociedade, como contado no HQ de Alan Moore).

Destacando a importância de uma representatividade mais plural e um maior espaço para classes minoritárias dentro da construção da história dos EUA, *Watchmen* apresenta uma quebra de paradigma no modelo padrão do imaginário do herói masculino, norte-americano, branco, heterossexual, cisgênero. Sem abandonar um enfoque militante que analisa todas as problemáticas envolvidas no percurso histórico das desigualdades, a série apresenta um imaginário que traz as questões de uma reelaboração de nossa história sobre um prisma de uma proposta utópica de maior igualdade. Todavia, é importante destacar que essa proposta não se ancora em uma ingenuidade de uma sociedade perfeita e sim em uma forma de mascarar (usando a metáfora central da obra) outras injustiças sendo reconfiguradas nesse universo.

Assim, *Watchmen* não procura apenas problematizar o que nosso passado trouxe e a dívida irreparável das ações de nossa sociedade. Também apresenta um exercício imaginativo de algumas tentativas de melhorias dessas questões e todas as reações que surgiriam decorrentes disso. Ao final, podemos ver esse exercício especulativo da série apontando os problemas do racismo, machismo, homofobia e as demais visões xenofóbicas de nossa sociedade em uma eterna consistência de tentativa de impor e conservar os poderosos no poder. O cenário se modifica, mas os problemas permanecem.

Através dessa visão que *Watchmen* apresenta, a representatividade não surge apenas como uma pauta de sua ausência na construção da história dos heróis de nossa cultura ocidental. A série propõe também o espaço de luta e as possibilidades de vitória. Sua trama aborda a construção de um outro herói que ocupa outros espaços imagéticos.

A investigação terá como foco a análise do arco de construção da figura heroica dentro de grupos minoritários através de três personagens centrais na série: Angela Abar (Sister Night), William Reeves (Hooded Justice) e Jonathan Osterman/Calvin Abar (Dr. Manhattan). Com uma perspectiva fundamentada em uma discussão teórica sobre representatividade, o artigo buscará evidenciar a importância de cada personagem como uma quebra de paradigma dentro de uma concepção clássica da figura do herói. A pesquisa propõe uma análise que destaque como a série *Watchmen* traz uma nova visão sobre o imaginário do herói em uma narrativa que articula questões de extrema relevância ao cenário sociopolítico contemporâneo.



O texto apresentará, na primeira parte, uma breve exposição da construção da figura do herói em nosso imaginário midiático através da obra de Joseph Campbell (1989). A parte seguinte tece uma análise da figura de Angela Abar como protagonista da história, uma mulher negra que se torna uma heroína em uma série de grande sucesso. Em seguida, desenvolvemos uma investigação de William Reeves como a pessoa que se torna o primeiro herói do universo ficcional de *Watchmen*. Para finalizar, a figura do Dr. Manhattan é problematizada dentro de uma desconstrução do personagem classicamente representado por um homem branco se tornando um homem negro. Assim, o artigo buscar, através dessas três figuras, identificar elementos de grupos minoritários não somente como constitutivos de uma busca por mais representatividade, mas também como fatores motivadores do heroísmo pela sua potência contra-hegemônica.

2 O Mito do Herói Hegemônico

A concepção de características específicas para o imaginário da figura do herói remete, obviamente, para um sistema de hegemonia sociopolítica. Nesse sentido, não seria coincidência que as produções audiovisuais estadunidenses possuam, em sua maioria, uma representação da imagem do homem branco heterossexual cisgênero como protagonista na maioria de seus filmes e séries (sobretudo se analisarmos obras mais antigas da história do cinema e televisão). Quando tratamos do recorte em questão, temos como ponto de partida não somente produções fílmicas (ou televisivas), mas também as histórias em quadrinhos, de onde a ideia original de *Watchmen* surge. Criada por Alan Moore, foi publicada pela DC Comics entre 1986 e 1987 ao longo de doze edições.

A proposta inicial não era a mesma que a da série televisiva, contudo, Alan Moore já abordava sua forma de desconstrução do mito do herói através de uma crítica sociopolítica que evidenciava os problemas e reverberações da existência de figuras de poderes sobre-humanos na sociedade, assim como os limites legais, morais e éticos da existência de vigilantes mascarados atuando com códigos de justiça próprios¹. A série televisiva se trata de uma proposta de continuação dos eventos retratados nas histórias em quadrinhos de Moore.

¹¹ O artigo *Who watches the watchmen?: uma análise transmidiática* (2009) escrito por Fátima Regis com alunos de iniciação científica de seu grupo de pesquisa “CiberCog” aponta algumas das questões das histórias em quadrinhos e da transposição fílmica *Watchmen* (2009) de Zack Snyder. É importante, todavia, demarcar que a série televisiva *Watchmen* (2019) não possui qualquer relação com o filme de Snyder. Trata-se de uma continuação da narrativa das histórias em quadrinhos e, por haver algumas importantes modificações feitas na



Assim, para uma rápida contextualização da desconstrução da figura do herói, precisamos retornar para uma rápida investigação de uma de suas bases narrativas fundadoras. Esse mito do herói pode ser traçado em uma amplitude de sociedades antigas, contudo essa estruturação de suas etapas dentro de um arco narrativo surge, de forma mais delineada a partir da investigação de Joseph Campbell sobre o que ele denomina “a jornada do herói”. Em 1949, Campbell publica o célebre livro *O Herói de Mil Faces* (1989) pela primeira vez. Dentro de um contexto específico estadunidense, com uma influência massiva de teóricos de origem europeia, a visão do autor se encontra em um recorte altamente influenciado pela época de sua escrita e pelas questões que o âmbito teórico ofertava.

Assim, mesmo através de uma investigação que propunha uma cuidadosa perspectiva antropológica mais ampla da análise dessa figura nas mais variadas partes do mundo, é inevitável perceber que o imaginário do herói acabava sendo predominantemente de homens, heterossexuais e cisgêneros. Apesar do corpus de análise de Campbell e suas exemplificações diversas abarcarem Austrália, África e Ásia, podemos destacar que esse imagético também toma corpo com maior ênfase em um recorte branco e eurocêntrico. Além disso, há um destaque para a figura da mulher em diversas estruturas do arco como Deusa ou “A mulher como tentação”, que contrastam com a defesa do autor de que esse herói é plural (podendo até ser visto no corpo de uma mulher). “O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas.” (CAMPBELL, 1989, p.15)

Ao indicar etapas específicas dessa jornada – que relata como podendo ser de um homem ou mulher – com descrições de aparições femininas como “tentação” ou em um prisma que introduz a feminilidade por uma figura divina, Campbell recai (talvez sem perceber) em uma modulação patriarcal de distribuição de papéis específicos para a mulher dentro do arco. Assim, essa amplitude que o teórico aponta para a figura do herói possui inevitáveis restrições e delimitações dentro da própria construção narrativa (a jornada) que ele apresenta.

Em sua parte mais antropológica, apesar da ideia de um arquétipo que se repete de forma mais variada, esse herói acaba sendo apresentado em uma formatação bem mais restrita do que se propõe. Obviamente, não podemos atribuir à Campbell o peso de cristalizar um

história original ao ser transposta para o cinema na versão de 2009, a lógica cronológica entre o filme e a série não funciona de forma correta com entre as histórias em quadrinhos e a série.



imagético específico da figura do herói. O que o autor faz é nada mais do que um levantamento desse arquétipo em variadas civilizações. Seu foco não é o de observar diferenças e sim um padrão (que surge da observação inicial de sua realidade judaico-cristã eurocêntrica e patriarcal). Dessa forma, a crítica não recai ao autor e sim à toda uma estrutura de diversas sociedades e culturas dominantes que são patriarcais e evidenciam traços fortes de um modelo de idealização do homem dentro dessas mesmas características hegemônicas que se repetem das mais variadas formas.

Talvez possamos tecer uma crítica à Campbell pela não problematização dessas questões ou pela ingenuidade em não as perceber. No entanto, é válido destacar um caráter especulativo nessa observação, visto que não sabemos o motivo dessa opção que pode variar desde a ingenuidade, ao pensamento da época ou a mera decisão pessoal. Importante também lembrar que, em 1949, o olhar mais atento para essas questões não era uma pauta de destaque no âmbito acadêmico e temáticas sobre maior necessidade de representatividade e diversidade ainda eram menos presentes.

No entanto, apesar de todas as questões, a obra de Campbell se torna uma grande referência nos estudos sobre a questão arquetípica do herói. Além disso, possui uma influência na cultura pop que encontra uma interseção de extrema relevância para a desconstrução que *Watchmen* (2019) estabelece. Assim, temos uma série que propõe uma modificação desse imaginário típico. Por outro lado, é importante identificar que se trata de um produto que nasce da relação entre o meio audiovisual e os quadrinhos – dois meios que possuem uma longa tradição de influência da “Jornada do Herói” de Campbell como um de seus maiores pilares de construção de estrutura narrativa².

3 Angela Abar: Heroína e Protagonista

Escrito em 1949, *O Herói de Mil Faces*, acaba sendo um retrato sintomático de uma época em que as pautas minoritárias ainda não possuíam sua devida visibilidade. Na década de 1990, a pesquisadora Maureen Murdock publica o livro *The Heroine's Journey* (2020), baseado no livro de Campbell, contudo, procurando abarcar a jornada da mulher de uma forma que realmente dialogasse com questões de ordem do universo feminino. Em uma

² O roteirista Christopher Vogler desenvolveu um manifesto explicativo sobre o uso do trabalho de Campbell em Hollywood que circulava entre alguns estúdios. Em 1992, transformou o manifesto em livro, reeditando-o em 1998 no que se tornaria o famoso *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores* (2006).



interessante análise sobre a obra, Gabriela Franco (2019) aponta que a autora apresenta uma nova vertente de como se dá a trajetória da mulher no mundo contemporâneo, concluindo que a mulher se torna heroína quando é “capaz de cumprir a jornada sendo ela mesma e protagonizando sua própria história.” (FRANCO, 2019, p.198)

Assim, a personagem central da série se revela. Regina King interpreta Angela Abar, protagonista que atua como detetive em uma recriação de nossa sociedade, onde a cidade de Tulsa possui uma força policial trabalhando mascarada para proteger suas identidades. Silvio Almeida (2019) descreve que representatividade implica em uma ampliação (ou, maior visibilidade) da participação de grupos considerados minoritários em “espaços de poder e prestígio social”, enfatizando a importância do território de idealização dos meios de comunicação (p.110). Dessa maneira, é possível reconhecer essa evolução em *Watchmen*, tanto na equipe de autores, visto que cinco são negros (Cord Jefferson, Branden Jacobs-Jenkins, Janine Nabers, Christal Henry e Stacy Osei-Kuffour), quanto no elenco principal da série.

Angela é uma protagonista negra, forte, inteligente, determinada e carinhosa com a família. Além da visibilidade, não muito comum, do protagonismo de uma mulher negra em uma grande produção, essas características relacionadas acima, fogem de padrões clássicos e estereotipados de alívio cômico das narrativas ou persona hipersexualizada. O trabalho de Regina King quebra esses paradigmas ao interpretar a heroína com uma personalidade séria e uma carga dramática envolta em força e determinação.

O figurino de Angela é formado a partir da ideia de ser similar a uma personagem icônica de sua infância. Seu vestuário é composto de uma blusa branca e um longo sobretudo com capuz preto, acompanhado de um cinto com itens religiosos, vestindo por dentro calça preta e uma longa bota preta.

Figura 1: Traje completo



Fonte: frame da série *Watchmen* (2019), 2022.

Por fim, cobre seu rosto com uma máscara preta para não revelar sua identidade enquanto policial – devido à lei imposta em sua cidade que permite que policiais escondam sua identidade para não sofrerem ataques. Outro elemento que também contribui para o sigilo de seu rosto é a faixa preta que é tingida na única parte da face que ficaria exposta, seus olhos.

Figura 2: Close



Fonte: frame da série *Watchmen* (2019), 2022.

É importante destacar que esse uniforme não enfatiza o seu corpo ou insinua algum tipo de conotação sexual – questão comum quando se trata de mulheres negras na mídia. Em *Memórias da Plantação* (2019), Grada Kilomba, aponta que o racismo é considerado algo do passado (KILOMBA, 2019, p.71), contudo, a autora demonstra que a realidade é mais complexa, contrapondo essa concepção ingênua com exemplos evidentes de racismo atuais. Entre algumas de suas enumerações exemplificadoras, enfatiza a relação da sexualização que a mulher negra sofre atualmente ao período de escravidão, ressaltando que “[...] tem a função



tanto de amantes como de mães. Durante a escravização, as mulheres negras foram sexualmente exploradas para criar filhas/os.” (KILOMBA, 2019, p.141). Dessa forma, apresenta como parte do conjunto do racismo cotidiano a classificação “Erotização: o sujeito negro torna-se a personificação do sexualizado” (KILOMBA, 2019, p.79) onde fica explícita a consequência da escravidão para essa perspectiva negativa da mulher negra.

A representação da mulher negra também pode seguir estereótipos como a empregada ou papéis que pessoas negras desempenhavam na época da escravidão, como apontado por Adilson Moreira em *Racismo Recreativo* (2019). O autor também aborda como essa projeção carrega um discurso de ódio e afeta a autoestima das pessoas negras, visto que, a partir dessa imagem distorcida do corpo negro, a dificuldade de se encaixar na sociedade fica mais elevada. “O discurso de ódio compromete então um elemento de extrema relevância para a estabilidade social e para a estabilidade psicológica das pessoas: a dignidade” (MOREIRA, 2019, p.168). Assim, estende-se o problema à participação do negro como indivíduo na sociedade, mercado de trabalho etc. Assim como na chance de se ter uma reputação respeitada, implicando de forma mais profunda na dignidade.

Dessa forma, torna-se perceptível a importância dessa construção narrativa e imagética de representatividade de pessoas negras. Além disso, a série também enfatiza a ideia de ancestralidade, indicando uma narrativa paralela de revelação da origem e história do avô da protagonista através de flashbacks e recordações, enquanto procura retomar o contato perdido com sua neta no tempo presente. A detetive descobre a relação com o parente recém encontrado ao recorrer a um banco de dados representado por uma árvore. Em algumas religiões de matriz africana, existe o conto da árvore mística Baobá, a primeira árvore que surgiu no planeta e que contém toda a sabedoria do mundo. Desse modo, percebemos a preocupação em abordar a ancestralidade não só por meio do elenco principal negro, mas com elementos cênicos da cultura africana.

Ao analisar com mais cuidado o perfil psicológico de Angela Abar, se torna perceptível como alguns traços de sua personalidade se devem ao fato de ser uma mulher negra. Embora seja uma heroína com diversos atributos positivos, possui traumas e questões pessoais diretamente impactadas pelo racismo. A personagem é muito educada e contida, de uma forma que consiga ser ouvida com atenção e evitando o estereótipo de mulher negra barulhenta. Sua seriedade também se deve ao fato de ter amadurecido muito cedo, por causa da ausência de responsáveis. Essa necessidade de amadurecimento precoce também faz parte



da realidade de diversas mulheres negras que vivem em uma estrutura social desigual, tendo que trabalhar desde muito cedo.

Outra questão presente na psique da personagem é a força, expressada pela necessidade de justiça e combate ao crime, raramente se deixando abalar. Esse quesito pode ser observado como um mecanismo de defesa, definindo uma forma de existir em um mundo racista. Essa necessidade se torna latente ao percebermos que a questão minoritária também possui subgrupos com maiores ou menores graus de poder. Grada Kilomba (2019) aponta um duplo deslocamento da mulher negra, destacando-a como o “outro” do “outro” – um posicionamento à margem do debate racial (masculino) e do debate feminista (branco). Dialogando com a perspectiva de Kilomba, Djamilá Ribeiro (2017) aborda a especificidade do lugar de fala da mulher negra, afirmando que: “As mulheres negras não são brancas ou homens – carência dupla na sociedade.” (RIBEIRO, 2017, p.38) Em seu texto, a autora desenvolve uma estrutura piramidal mais simplificada (que, obviamente, não abarca todas as dimensões minoritárias, mas serve como um interessante indicativo inicial das divisões estruturais de poder), através de uma divisão de quatro camadas de identificação, lideradas por homens brancos, seguido de mulheres brancas, depois homens negros e, por último, mulheres negras, que fariam parte do grupo mais silenciado na hierarquia social.

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organização políticas, culturais e intelectuais. (p.63)

Dessa maneira, percebem-se as reverberações da colonização influenciando toda uma estrutura sociopolítica de desigualdade até o período atual. Partindo do princípio de que a escravidão dos Estados Unidos foi abolida no ano de 1863, ainda ocorreram ataques racistas, no caso o de Tulsa, no ano de 1921. Em uma 2019 alternativa, a narrativa da série se inicia a partir da volta da Sétima Cavalaria (uma repaginação da KKK³ para o universo de *Watchmen*). “O racismo é visto apenas como uma “coisa” do passado, algo localizado nas margens e não no centro da política europeia”. (KILOMBA, 2019, p.71). Com esse conceito

³ A Ku Klux Klan foi um movimento reacionário extremista surgido nos E.U.A. em 1865. Sua pauta central promove a supremacia branca e a intolerância racial. Em 1915, surgiu o segundo movimento da KKK e em 1950 o terceiro movimento que propaga sua ideologia até o momento atual.



é plausível identificar a presença do racismo em diferentes camadas da sociedade, inclusive na série, na qual, a protagonista o enfrenta de diferentes modos.

O grande vilão da série não é só uma pessoa física desejando o mal para pessoas como Angela, mas também o próprio racismo em suas implicações mais estruturais. Em uma cena de uma conversa com seu avô, a personagem entende que não era só raiva que sentia pelo vilão, e sim medo. Sentimentos que se conectaram por ambos terem escolhido o mesmo tipo de iniciativa para melhorar o mundo: colocar uma máscara e combater o crime. “Um incidente racista como uma piada que reproduz estereótipos de natureza negativa gera alterações físicas imediatas na pessoa, como aumento na pressão sanguínea, mudança do padrão de respiração e comportamentos agressivos.” (MOREIRA, 2019, p.173). Tanto William quanto Angela foram traumatizados pelo racismo presente na sociedade atual, encontrando assim, uma maneira satisfatória de resposta que apesar de ser peculiar e fantástica, representa a raiva que o racismo desencadeia no oprimido.

Após essa revelação de que não era raiva, William descreve o porquê de seu medo: por recordar dos episódios em que estiveram ameaçados pelo fato de serem negros. Dessa forma, percebemos que um dos motivos para se tornar herói em *Watchmen* é a salvação não somente do próximo, mas também de si mesmo. Estendendo para a realidade de Angela, percebemos que as motivações são similares. O heroísmo se torna uma postura política para resolver injustiças do sistema contra minorias e para se proteger dessas injustiças. Assim, a personagem é uma heroína para salvar não só a sociedade comum, mas para salvar as pessoas que como ela, sofrem diariamente com o racismo. Djamila Ribeiro (2017) descreve que “quando as pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida”. (p.43)

4 William Reeves: O Primeiro Herói

O preconceito racial é um elemento central no desenvolvimento da trama de *Watchmen*. Nesse sentido, a figura do herói é retratada pela desconstrução de um imaginário hegemônico. O modelo dominante de uma representação branca é substituído por uma visão disruptiva onde a ideia de luta (em um contexto sociopolítico e cultural) acaba servindo como mote para a criação do heroísmo. William Reeves (interpretado por Louis Gossett Jr.) é um homem negro que presenciou o massacre de Tulsa em sua infância. Em sua vida adulta, se



torna policial e sente o preconceito racial que ocorre dentro da própria instituição de segurança.

Após um ataque racista, que quase o leva à morte, decide colocar um capuz que proteja sua identidade e se torna Hooded Justice, o primeiro herói/vigilante mascarado da história dos Estados Unidos. Outros cidadãos seguem esse ato, formando o grupo Minutemen. Ao longo da história, observamos o desenvolvimento de um início de um relacionamento homoafetivo entre William e outro herói, Captain Metropolis. Um traço marcante na vida de muitos indivíduos LGBTQIAPN+ é o sentimento de não pertencimento a uma realidade afetiva pré-estabelecida em seus círculos sociais, quando da descoberta de sua orientação (SILVA, 2012).

A homossexualidade do personagem, vinculada a sua vida secreta de vigilante, faz com que sua esposa e filhos o deixem, encerrando qualquer vínculo familiar conhecido por William. A partir deste recorte da história, podemos estabelecer alguns pontos que conduzem à formação do personagem heroico da série. Primeiramente, a homossexualidade de William pode estabelecer uma relação de não pertencimento à realidade que o confronta diariamente tanto no âmbito familiar quanto no social. Um traço marcante na vida de muitos indivíduos pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+ é o sentimento de não pertencimento a uma realidade afetiva normativa pré-estabelecida.

A intolerância à diversidade sexual leva o adolescente, por medo de ficar sozinho, a ocultar sua condição homossexual, uma vez que a solidão é sentida como algo mortífero. Porém, todo esforço de negação de si mesmo para atender a expectativa do outro e ser aceito termina, exatamente, num estado emocional mais crítico do qual fugia ou evitava, ou seja, com a sensação de “estar só no meio de tanta gente”. Posto que, na realidade, não passa de um desconhecido que todos julgam conhecê-lo. (SILVA, 2012, p.5)

A furtividade é um ponto essencial para que estes justiceiros não coloquem em risco as suas vidas pessoais e a dos demais que os rodeiam, seja no ambiente de trabalho, escolar ou familiar. Essa é uma característica presente em muitos dos jovens que se entendem como LGBTQIAPN+ logo no início do processo de compreensão de sua sexualidade e/ou identificação de gênero. Em certo ponto da narrativa quando a esposa de William o deixa, podemos notar um outro tipo de característica que também pode ser observada comumente nas histórias de vidas de pessoas que se descobriram gays: o isolamento.

Se o adolescente não assumiu a sua homossexualidade perante os pais, desenvolve-se uma fractura em que tanto a família como o adolescente se sentem separados um do outro. Os segredos necessários para manter o silêncio amontoam-se como uma



parede, aumentando o isolamento do adolescente relativamente à família e o seu sentimento de solidão. (HERNÁNDEZ, 1999, sem página)

O isolamento social pode, de alguma forma, ser um certo impulso à carreira de herói. Em variadas narrativas, as ligações afetivas surgem como um impedimento ou um momento de dúvida desses personagens que se encontram divididos entre seus atos de heroísmo e a proteção da manutenção de suas relações pessoais. O fato de William, na série, não estabelecer nenhum laço emocional próximo contribuiu para que ele pudesse seguir sua carreira de combate ao crime sem se preocupar com outros afazeres de sua vida pessoal. As dúvidas em torno de sua real identidade também se apresentam como um questionamento comum entre homens em seu momento de compreensão de uma sexualidade que não seja heteronormativa.

Judith Butler (2018) indica o gênero como um ato performativo. As ações relativas à determinada pessoa moldadas pela necessidade de se estabelecer enquanto humano identificado num binarismo homem x mulher são movidas, não por uma essência intrínseca pré-existente, mas por uma configuração de atos imposto por amarras sociopolíticas. Nesse sentido, a relação entre sexualidade e gênero como uma obrigação de conduta para a identificação da pessoa se torna uma mera ilusão criada pela sociedade. O autoconhecimento e a autoaceitação se tornam um processo complexo de desconstrução de uma percepção de mundo calcada por padrões hegemônicos. A dupla identidade, muitas vezes, é percebida na vida de homens que se reconhecem como gays, tendo que, por razões sociais, fingir serem alguém que não são e administrar esta segunda personalidade sem relacionar nenhum elemento sequer do seu eu interior, evitando transparecer os traços mais íntimos de sua natureza.

[...] de fato existe uma certa exigência da sociedade para que todos, tanto héteros como homossexuais, se dividam em dois sexos, macho e fêmea, e que esta divisão seja supostamente visível, porém, na prática do sexo em si parece ser tudo permitido como se os gays vivessem uma dupla personalidade, caracterizando, desta forma, uma identidade vivida, porém, oculta. (HAFEMANN, 2013, sem página)

Podemos constatar nas histórias em quadrinhos uma dupla personalidade em diversos heróis conhecidos. Estas personalidades não são apenas disfarces físicos de vestimentas, mas também, uma percepção de aspectos ambíguos quando pontuamos as características do super-herói e seu alter ego.

[...] cada super-herói lida com a questão da dupla identidade de modo diferente. Alguns têm uma personalidade predominante com a qual se identificam mais, seja



ela a identidade fisicamente mascarada ou a que é ocultada por artifícios teatrais relacionados ao papel que desempenha em sua vida civil. Enquanto existem outros que convivem de maneira ambígua com suas duplas identidades, a ponto de não conseguir identificar qual é a sua real identidade e qual é a que usa como disfarce. [...] Outro ponto a ser destacado é que nem só os super-heróis usam máscaras e possuem vidas duplas. A pessoa comum, assim como o super-herói, é capaz de se adequar às diferentes situações e contextos, criando identidades paralelas para as diferentes situações, cada uma delas representando uma diferente faceta da personalidade de um mesmo indivíduo. Portanto, muitas vezes, é desnecessário buscar uma distinção entre as identidades de tal sujeito, seja na ficção dos quadrinhos ou na vida real. (OLIVEIRA, 2016, p.92-93)

Podemos observar que traços atribuídos a homens gays no momento de sua descoberta afetiva e, algumas vezes, os adjetivando pelo resto de suas vidas, como o não pertencimento à realidade, furtividade, o isolamento e a dupla personalidade, poderiam ter conduzido, pelo menos de uma maneira mais direta e menos sinuosa, o personagem de William Reeves a uma vida dedicada a atos heroicos. O fato de o personagem apresentar algumas características que fazem relação direta com minorias LGBTQIAPN+ não o revela diretamente como alguém que lideraria uma rebelião social mascarada para fazer o bem. Porém estas mesmas características o impulsionam para sair do seu lugar de conforto, tendo uma atitude no mínimo inesperada perante as condições sociais apresentadas no meio em que vive.

De forma mais direcionada, a questão racial surge como mote inicial para sua transformação – como percebido na narrativa da série de forma bem causal no desenvolver da história. Contudo, algumas características em torno de sua opção sexual podem ter reverberações interessantes em algumas de suas escolhas (tanto em um plano consciente, quanto inconsciente). Percebemos que esses elementos minoritários acabam sendo determinantes na constituição de sua identidade heroica. Hooded Justice, devido aos próprios elementos que o deixam a margem de uma sociedade injusta, se transforma no primeiro herói da série.

5 Dr. Manhattan: O Mais Poderoso é um Homem Negro

Quebrando novos paradigmas na concepção do herói clássico, Hooded Justice se desenvolve de forma diferente do último personagem analisado. Fruto de uma das grandes polêmicas da série, o Dr. Manhattan, personagem concebido como um homem branco que se torna uma espécie de semideus, surge na série como um homem negro.

Um dos personagens mais icônicos das histórias em quadrinhos de *Watchmen*, Jonathan Osterman era um físico nuclear que foi acidentalmente trancado em uma câmara de



testes para partículas radioativas, que o transformou em um ser com poderes quase ilimitados. Após alguns anos desaparecido, Dr. Manhattan conhece a protagonista Angela em um bar e se apaixona por ela.

Para conseguir viver uma vida tranquila, casado com Angela e sem ser reconhecido, o Dr. Manhattan muda de sua tradicional forma azul para a aparência de um homem negro, e assume o nome para Calvin Abar. Para que seu disfarce funcionasse melhor, usa um dispositivo que o faz esquecer de todo seu passado, de seu acidente nuclear, de seus poderes e de sua verdadeira identidade. Essa mudança do personagem para um homem negro gerou certo incômodo para alguns fãs⁴. Esse desconforto, mascarado de fidelidade ao original, tem como real fundamentação o preconceito racial, visto que se trata de um personagem que tem o poder de se desfazer e de se reconstruir em nível atômico, podendo assumir qualquer forma. Djamila Ribeiro (2017) aponta para o silenciamento imposto pelo grupo dominante procurando invisibilizar outros lugares de fala como um temor de que as minorias consigam seus direitos, e conseqüentemente, poder.

Por ser inicialmente branco, Dr. Manhattan remete a alguns elementos da branquitude: conjunto de valores impostos por uma sociedade racista, como acreditar na superioridade da raça branca (MOREIRA, 2019). Essa articulação pode ser vista na própria concepção do personagem original que é comparado, por vezes, a um deus, apesar de ser um homem branco, direcionando a ideia de um ser superior dentro de características bem específicas de um padrão hegemônico. Na série televisiva *Watchmen* temos um Dr. Manhattan interpretado por Yahya Abdul-Mateen II, o ser mais poderoso do universo, agora na pele de uma pessoa negra.

Segundo Nobu Chinen (2019), a classificação em diferentes raças de seres humanos, é seguida por uma imposição que a raça branca é superior (CHINEN, 2019, p.52). Adilson Moreira (2019) destaca que não podemos ignorar que hoje a ideia de raça é uma construção social, já que ela vincula relações de poder. Ela determina as hierarquias que um indivíduo pode ocupar dentro de uma comunidade política, gerando diferentes valores para cada um na sociedade. A branquitude é um conjunto de valores que tem como convicção a superioridade racial, sendo eles ponto de referência de diversos aspectos de uma sociedade.

Essa mudança na concepção de uma quase divindade que se marcou através da imagem de um homem branco se modificando para a imagem de um homem negro é um

⁴ https://www.reddit.com/r/Watchmen/comments/e8bfcy/so_dr_manhattan_is_black_now/ e https://www.reddit.com/r/Watchmen/comments/e5z6nh/so_is_dr_manhattan_bow_recasted_as_a_black_man/



ponto crucial na quebra de um modelo hegemônico do herói e das figuras messiânicas brancas ocupando a maior parte das representações audiovisuais. Obviamente, poderíamos apontar para a pele azul do personagem como uma tentativa de romper as barreiras das discussões raciais. No entanto, esse apontamento possui um caráter superficial ou ingênuo que ignoraria toda questão narrativa de *Watchmen* que identifica Jon Osterman como um homem branco. Assim, a quebra que a série apresenta é proposital, visando uma ampliação desse debate sobre as figuras heroicas.

Desde sua primeira aparição (antes de ser revelada sua verdadeira identidade), Cal gera estranheza e talvez desconforto para alguns espectadores. Um homem calmo e contido, que cuida do lar, dos filhos (brancos), sustentado por sua esposa. A indicação inicial de uma reconfiguração do modelo estrutural de família tradicional com uma troca dos papéis de gênero normatizados pela sociedade, é acentuada pela funcionalidade e sintonia da família e pela aparente inteligência, compreensão e paciência do marido dono de casa. Além disso, a reconfiguração da adoção de crianças ganha um interessante contorno (em uma evidente indicação das questões coloniais), já que um casal negro adota filhos brancos.

Bell Hooks (2019) aponta que: “As representações de homens negros nos meios de comunicação de massa geralmente dão a entender que são mais violentos que outros homens super-masculinos” (HOOKS, 2019, p.115). Este estereótipo do homem bruto e violento é visivelmente quebrado por Cal, que se mostra um homem dócil e gentil, principalmente com seus filhos. Hooks continua transcorrendo sobre como o mundo machista acredita que deve ser a masculinidade do homem negro. E relaciona com o fato de que mesmo que a realidade de divisão de trabalhos em nossa sociedade apresente uma configuração em que a mulher se torne provedora e/ou principal fonte de renda em muitas famílias negras, esse fator é tratado como sinal de fracasso dos homens perante seu papel de provedor.

Cal e Angela moram em uma casa, aparentemente, situada no pacato subúrbio dos Estados Unidos (que possui uma dinâmica diferente do subúrbio brasileiro). Todos esses aspectos mencionados quebram algum paradigma ou estereótipo sobre o homem negro e sua composição familiar. Hooks (2019) aponta para a concepção da importância da constituição de um lar para pessoas negras também como um ato político. Um lugar onde o componente identitário se despe de algumas estruturas sociais, permitindo maior humanização, tranquilidade, descanso, recuperação de energia e de uma dignidade que é abalada pelo



cotidiano racista. A casa se torna um local de recuperação e manutenção de forças para continuar resistindo e lutando contra as adversidades do dia a dia. (HOOKS, 2019, p.75)

Os últimos episódios de *Watchmen* desenvolvem melhor essa relação com o lar, demonstrando a tranquilidade de Cal em sua casa e compreendendo seus poderes em um ambiente seguro. No último episódio, Angela se encontra em sua casa, e se lembra do ovo de galinha em que Cal, possivelmente, transferiu seus poderes. Em um interessante paralelo com o apontamento de Hooks (2019), a recuperação e manutenção de energia de Angela se daria de uma forma mais potente. Agora, restaurando suas forças através de uma possível ingestão dos poderes de Dr. Manhattan. Dessa forma, Angela poderá continuar lutando contra seus inimigos de uma forma mais enfática. O ser mais poderoso da terra poderá ser agora, uma mulher negra!

6 Considerações Finais

A personagem Angela desempenha o papel de uma heroína negra que se encontra em uma luta constante contra o racismo. Seu avô William foi o precursor entre os heróis na série, com as causas minoritárias sendo elementos centrais em sua identidade. A apresentação de um Dr. Manhattan negro demonstra uma nova quebra na constituição clássica do personagem. *Watchmen* é uma série que apresenta seus heróis dentro de um debate sobre questões minoritárias. Através de uma desconstrução de um padrão hegemônico em torno dessa figura, a produção tem grande mérito em romper também com uma série de estereótipos sobre a mulher negra, o homem negro heterossexual e o homem negro homossexual.

Ao invés de tratar esses elementos de forma caricaturada e como uma fraqueza nos personagens, *Watchmen* utiliza a carga minoritária como força e potência de seus heróis. A luta contra o racismo, machismo e homofobia são os marcos centrais da construção de uma real jornada do herói – pois os vilões humanos são representações de graves problemas da sociedade. A profunda repetição no cinema e na televisão de um modelo hegemônico branco, patriarcal, heterossexual e cisgênero atesta para mecanismos de perpetuação de dominância dentro das representações audiovisuais. Os estereótipos e visões erradas sobre minorias são criadas para que a marginalização desses grupos seja mantida. Dessa forma, ocorre uma manutenção dos privilégios dos grupos que estão majoritariamente no poder.

A constante inserção do corpo negro como instrumento de sexualidade e exploração, como personagem caricato ou como vilão que ameaça a sociedade atesta para uma contínua



tentativa de manutenção da relação entre a ideia de ameaça com a ideia de diferente – nesse caso através da questão racial. Obviamente, o problema não se encontra somente na representação audiovisual, mas inserido nas mais variadas estruturas da sociedade.

Em outro viés, as concepções de gênero e sexualidade ainda demonstram uma dominância de um padrão hegemônico masculino e heterossexual, implicando em variadas normas punitivas aos demais. Nossa sexualidade perpassa toda uma compreensão psicanalítica de pulsões, desejos e experiências. Nossa identificação de gênero não se funda em uma necessidade intrínseca de uma perpetuação binária de desempenho de papéis sociais específicos, e sim em uma formatação sociopolítica patriarcal que busca a manutenção de poder. Em teoria, esses elementos constitutivos de uma figura hegemônica não possuem qualquer relevância bem fundamentada que implique que esse modelo se torne a concepção do herói clássico, apesar de nossa história demonstrar a recorrência desse imaginário. A manutenção do privilégio do homem, branco, heterossexual, cisgênero é histórica e se encontra entranhada em nossas representações culturais imagéticas.

Por esse motivo, o Dr. Manhattan negro pode ser desconfortante para certos espectadores. O primeiro justiceiro ou super-herói de uma cultura ser um homem negro e gay também apresenta um desconforto à normatividade estadunidense que se orgulha de seus heróis e de sua participação na constituição de sua história. Assim como os perigos de uma mulher negra que já quebra todos os paradigmas como protagonista de série. Agora, com possibilidade de poderes divinos.

Na série, a figura do herói não quebra apenas paradigmas desse imaginário, como apresenta esses fatores minoritários como essenciais na configuração do heroísmo. Ou seja, o herói não é o dominante ou o colonizador e sim aquele que resiste dentro das condições desiguais da sociedade. Em *Watchmen* (2019), a luta contra-hegemônica forma os verdadeiros heróis.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In; **Caderno de Leituras n.78**. Chão da Feira, 2018. p.1-16.



CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 1989.

CHINEN, Nobu. **O negro nos quadrinhos do Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2019.

FRANCO, Gabriela. A Jornada da Heroína. In: MARINO, Dani; MACHADO, Luluña (Orgs.). **Mulheres & Quadrinhos**. São José: Skript, 2019.

HAFEMANN, Alessandro Ribeiro. **As Relações Sexuais e a Identidade de Jovens Homossexuais de Maringá**. Anais do XI Seminário de Ciências Sociais de Maringá. Maringá, 2013.

HERNANDÉZ, Carlos. **A Juventude Gay e Lésbica**. Discurso de Carlos Hernández, coordenador dos assuntos relacionados com a juventude no trabalho da Fundación Triângulo. Madrid, 1999.

HOOKS, Bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** - Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Kobogó, 2019.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

MURDOCK, Maureen. **The Heroine's Journey – Woman's quest for wholeness**. Boulder, Colorado: Shambhala, 2020.

OLIVEIRA, Paulo Ricardo de. Sob máscaras e fantasia: dupla identidade e segredos nas histórias em quadrinhos de super-heróis. **Revista Imaginário!**. João Pessoa, n.10, junho de 2016. p.75-95.

RÉGIS, Fátima; TIMPONI, Raquel; MAIA, Alessandra; SANTOS, José Messias; FERNANDES, Juliana; AGUIAR, Mariana Ferreira de; ROCHA, Saulo. Who watches the watchmen?: uma análise transmidiática. **Revista Contemporânea**. n°13, v.2, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVA, Valdeci Gonçalves da. **O adolescente gay e a capacidade de resiliência da família** (estudo de um texto biográfico). Estudo de caso publicado no Portal de Psicologia de Portugal, 2012. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0295.pdf>

SODRÉ, Muniz. “Por um conceito de minoria”. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.